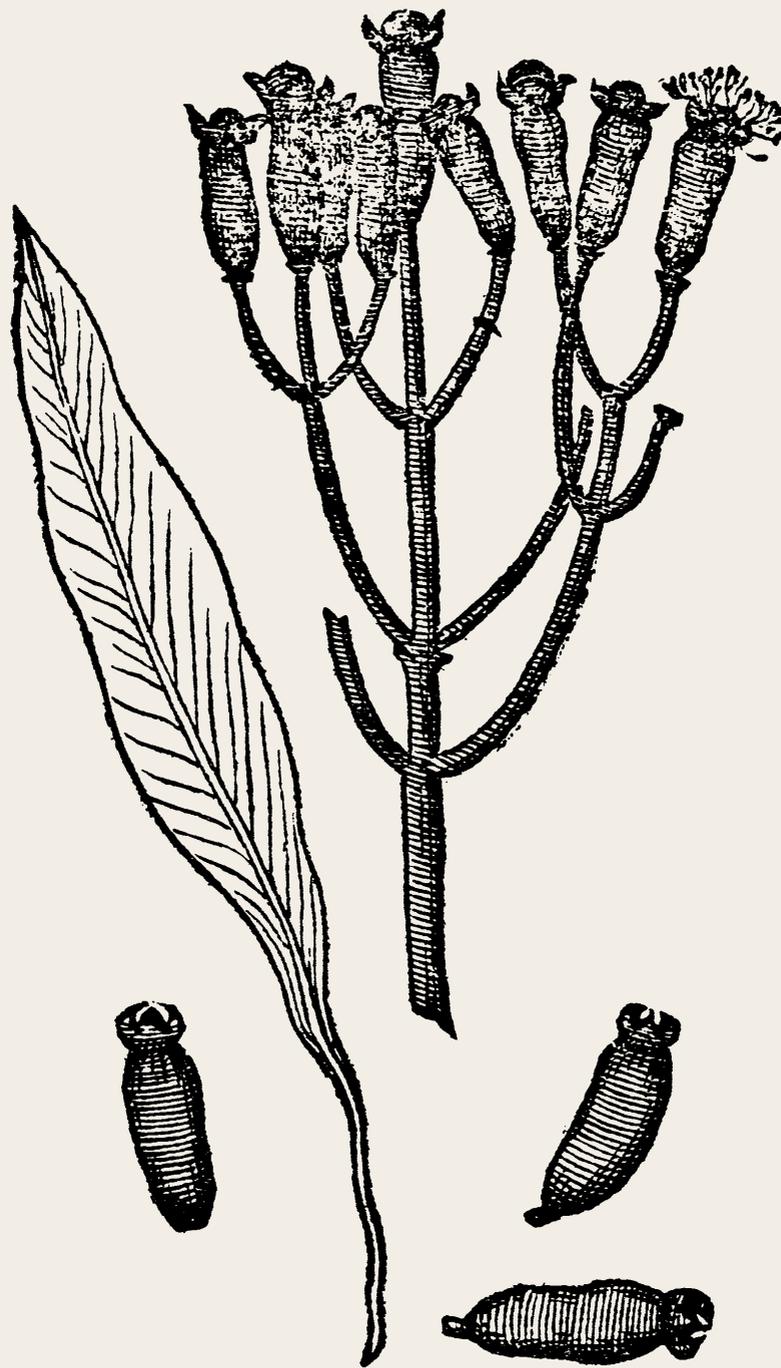


AROMATVM HIST.
GARYOPHYLLI CVM SVO FOLIO
& fructu.

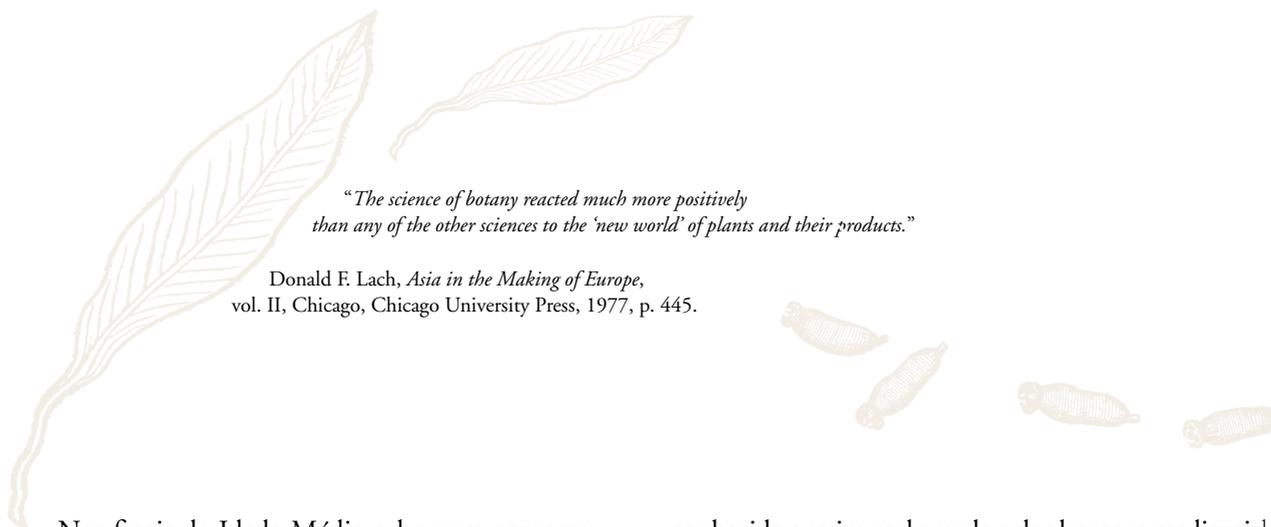


“Os cravos com a sua folha e fruto”, in Carolus Clusius, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia*.

A Revelação das Plantas

Garcia da Orta, Carolus Clusius e as Espécies Asiáticas na Europa

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES*



“The science of botany reacted much more positively than any of the other sciences to the ‘new world’ of plants and their products.”

Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol. II, Chicago, Chicago University Press, 1977, p. 445.

Nos finais da Idade Média o homem começou olhar a natureza não apenas como obra miraculosa do Criador mas como objecto de observação e conhecimento. Assim, como Jacob Burckhardt delineou na sua célebre obra *A Civilização do Renascimento*, a descoberta da natureza irá ser uma marca fundamental de uma viragem mental e cultural que se irá espelhar por toda a Europa e inaugurar a modernidade.

Com base no caso português, Mário Martins identifica igualmente a presença deste tema na cultura medieval portuguesa da Baixa Idade Média. A seu ver, os historiadores teriam negligenciado certos laivos de mudança que já se revelavam e que, em breve, iriam determinar de forma mais categórica o pensamento e a cultura dos homens coevos. E estava a pensar exactamente na relação do homem medieval com a natureza, considerada pela historiografia como mal

conhecida e assim mal amada pelos homens medievais¹. Na sua opinião, urgia atender a outros autores e obras contemporâneos. Se os compêndios herdados seriam, e continuariam a ser por muito tempo expoentes do conhecimento, o certo é que já se poderiam encontrar entre a produção literária obras ditadas pela observação e experiência da mãe natureza. É o caso que este ilustre autor analisa: o Livro de Montaria de D. João I. Este escrito, apesar de ainda não ser um livro científico, seria, no entanto, como defende Mário Martins, uma obra escrita pelo saber de experiência feito, como mais tarde entoará Camões. Esta interpretação, retomada em leituras posteriores², visa enunciar uma atitude e um conhecimento corrente na modernidade que então se anuncia. Com efeito, e como afirma este autor: “Concluamos [...] o conhecimento da natureza, na Idade Média, não o devemos procurar somente nos contemplativos, de olhos mais postos no céu do que na terra. Nem exclusivamente nos filósofos, geralmente pouco preocupados com o concreto imediato e o individual. Temos de ir também ao empirismo dos homens que, levados embora pelo gosto lúdico da caça, se curvavam sobre a terra mãe, suas plantas e animais, aspirando o mundo pelos cinco sentidos. E neles talvez descobramos não uma filosofia mas, sim, uma atitude

* Licenciada em História pela Universidade de Lisboa, foi colaboradora científica no Centro de Investigação de História da Expansão Europeia da Universidade de Bamberg (Alemanha), onde obteve o doutoramento. É Professora Auxiliar da Universidade Católica Portuguesa.

Degree in History from the University of Lisbon, she worked at Bamberg University's Centre for the Research of the History of European Expansion where she also took her Ph.D. She is currently a lecturer at Portugal's Catholic University.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

filosófica – neste caso, a valorização da experiência e a busca do pormenor como fonte necessária do saber concreto, em torno das coisas da natureza.”³ Na verdade, ao destacar esta “atitude de valorização da experiência e de busca de saber concreto sobre as coisas da natureza”, estes autores preanunciavam um novo modo de estar e de olhar o mundo.

Esta atitude que espreita quer na Itália quer em Portugal, como o ilustram os casos acima referenciados, é a marca da “viragem da maré” na Europa, pois outros exemplos poderão ser evocados à luz deste facto. Vejamos a pintura flamenga dos finais de Quatrocentos, tão exaltada na sua descritiva e realística expressão artística por Johan Huizinga na caracterização do Outono da Idade Média⁴ como ainda a vasta e larga quantidade de relatos de viagens por terras e países da Europa ou em peregrinação à Terra Santa, onde já se denota um maior zelo e labor na descrição do mundo que vão palmilhando⁵.

Nas últimas décadas, esta literatura de viagens tem sido alvo de muitos e diversos trabalhos historiográficos, em que se ressalva o seu valioso contributo para uma nova visão do mundo⁶. O olhar dos viajantes dirige-se cada vez mais atento para o mundo à sua volta, procurando mesmo desenhá-lo, descrevê-lo ou explicá-lo nos seus insondáveis e múltiplos mistérios.

É neste contexto que se insere o importante avanço da cartografia nos anos de Quatrocentos e Quinhentos. Novos contornos e limites, quer de regiões europeias, quer de mundos distantes, passam paulatinamente a registo. E os mapas expressam desde já grande atenção aos elementos da natureza representantes das regiões cartografadas. Assim, montanhas, rios, lagos, animais, árvores, arbustos, descrevem e ordenam o saber. Aliás, estes mapas explicam não só a concepção geográfica do autor mas também o saber coevo condensado de forma enciclopédica nas longas e extensas legendas que os povoam⁷. Neste esforço e empenho assemelham-se às descrições de viagens, onde se intenta dar uma imagem mais fidedigna da mãe natureza. Ambos os exercícios nascem do mesmo desejo de dar a conhecer o mundo.

Lançados estes primeiros alicerces para o saber geográfico, surgirão as primeiras obras compiladoras deste saber – muitas oriundas da pena de viajantes ou de amigos de quem gosta de viajar⁸. Em viagens comerciais, diplomáticas, peregrinas ou de formação abandona-se não só a terra natal como a ideia de um

mundo fechado. Quantos não eram os homens das sete partidas que como o Infante D. Pedro se fizeram ao caminho?

Mas se, por um lado, o continente europeu ganhava novas dimensões, por outro tornava-se pequeno. A partir da Península Ibérica os europeus abeiraram-se de regiões limítrofes, e de certo modo já familiares, para depois zarparem em busca de outras paragens, de outros mundos. Se a vontade de conhecer e descrever o real não nasce somente com estas viagens além mares desconhecidos, como anteriormente evocamos, o certo é que estes novos mundos recentemente descobertos revelavam novidades estonteantes.

No processo de reconhecimento deste novos mundos, a natureza em geral e a flora não europeia em particular irão gozar de uma atenção especial. Já nas primeiras expedições as espécies vegetais eram, muitas vezes, a prova da descoberta. O árduo empenho no reconhecimento dos oceanos desconhecidos seria abençoado com a comprovação de uma natureza aventurada. Segundo Gomes Eanes de Zurara, a almejada passagem do cabo Bojador será celebrada com a entrega ao Infante D. Henrique de umas ervas parecidas com umas do reino, a cujas flores se dava em Portugal o nome de rosas de Santa Maria⁹. Este gesto simbolizava a ansiada posse e domínio de uma terra virgem.

O regozijo do avanço no Atlântico sul expressar-se-ia igualmente perante a riqueza e variedade do mundo equatorial. Diogo Gomes, conhecedor de grande parte do mundo, como afirma, refere: “E aquela terra meridional está cheia de árvores de frutos, mas outra espécie de frutos, e as árvores são tão grossas e de tamanha altura que só vendo se pode crer.”¹⁰

De facto, para muitos viajantes, a descrição de uma nova região ou local nunca estará completa sem um retrato do mundo natural. É por isso assídua a menção do aspecto e da qualidade das terras por onde passam, como no relato de Álvaro Velho da viagem inaugural do caminho marítimo para a Índia. Várias são as vezes em que refere terras de boas ervas, grandes arvoredos e, como acontece no rio dos Bons Sinais, alude ao facto de estes darem “muitas frutas, de muitas maneiras, e os homens desta terra comem delas”¹¹. Trata-se de uma natureza servil e acolhedora que alberga os homens no seio maternal, e cujo proveito e utilidade entusiasma o viajante. A natureza irá nortear o olhar de muitos viajantes. E se, por vezes, é um olhar ingénuo e fortuito,

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

desprovido de prévios conhecimentos, no que respeita ao Oriente os viajantes conhecem e acarinham fortes e ancestrais expectativas.

DAS *MIRABILIAS* ÀS MARAVILHOSAS
SURPRESAS NO ORIENTE

Com os autores da Antiguidade Clássica e Medieval nascera uma imagem fantástica acerca das terras orientais. Plínio, célebre autor de uma *Historia natural*, salientara que a Índia era uma terra prodigiosa em *mirabilia*¹². Sabendo-se que o rio Ganges era um dos rios do Paraíso, não seria, pois, de surpreender que esta terra fosse considerada fértil e rica¹³.

Um acontecimento contribuiu para esta imagem: a expedição de Alexandre Magno (336-323 a. C.). Perto de 50 botânicos, médicos, geógrafos e filósofos acompanharam o Conquistador à Pérsia e Índia pelo que muito se iria escrever e saber sobre estas regiões tão almeçadas – especialmente sobre as afamadas especiarias desde há muito requisitadas e utilizadas¹⁴.

Mas se se trouxeram informações mais precisas sobre estas terras, o certo é que a sua divulgação seria ao mesmo tempo envolta em descrições tão fabulosas e fantásticas como as que podemos apreciar nas pretensas cartas escritas por Alexandre, entre outros, ao seu mestre Aristóteles. As diferentes versões irão ser a obra mais divulgada na Idade Média, a seguir à Sagrada Escritura. Na verdade, até ao século XV, várias são as versões alusivas ao romance de Alexandre. O Alexandre medieval fica assim indubitavelmente ligado à imagem da prodigiosa Índia. As maravilhas da Índia passam a constituir um capítulo habitual das enciclopédias, onde se guardam escurpulosamente os tesouros do Oriente. Estes textos eram ainda, muitas vezes, profusamente ilustrados. Também na iconografia os artistas debuxaram fantásticas paisagens povoadas de fabulosos seres, decerto um importante contributo para o êxito destas obras.

Na verdade, a Europa não vai esquecer a recordação da Índia fabulosa das conquistas de Alexandre que continuará a suscitar o interesse das cortes europeias, fascinadas pelos produtos raros e exóticos. A Idade Média irá, pois, herdar este gosto pelo Oriente e pelas espécies asiáticas¹⁵. Basta recordarmos o nome de Marco Polo para sabermos qual o impacto e o interesse que os relatos de viagens, como o do mercador veneziano e autor da *Descrição do Mundo*,

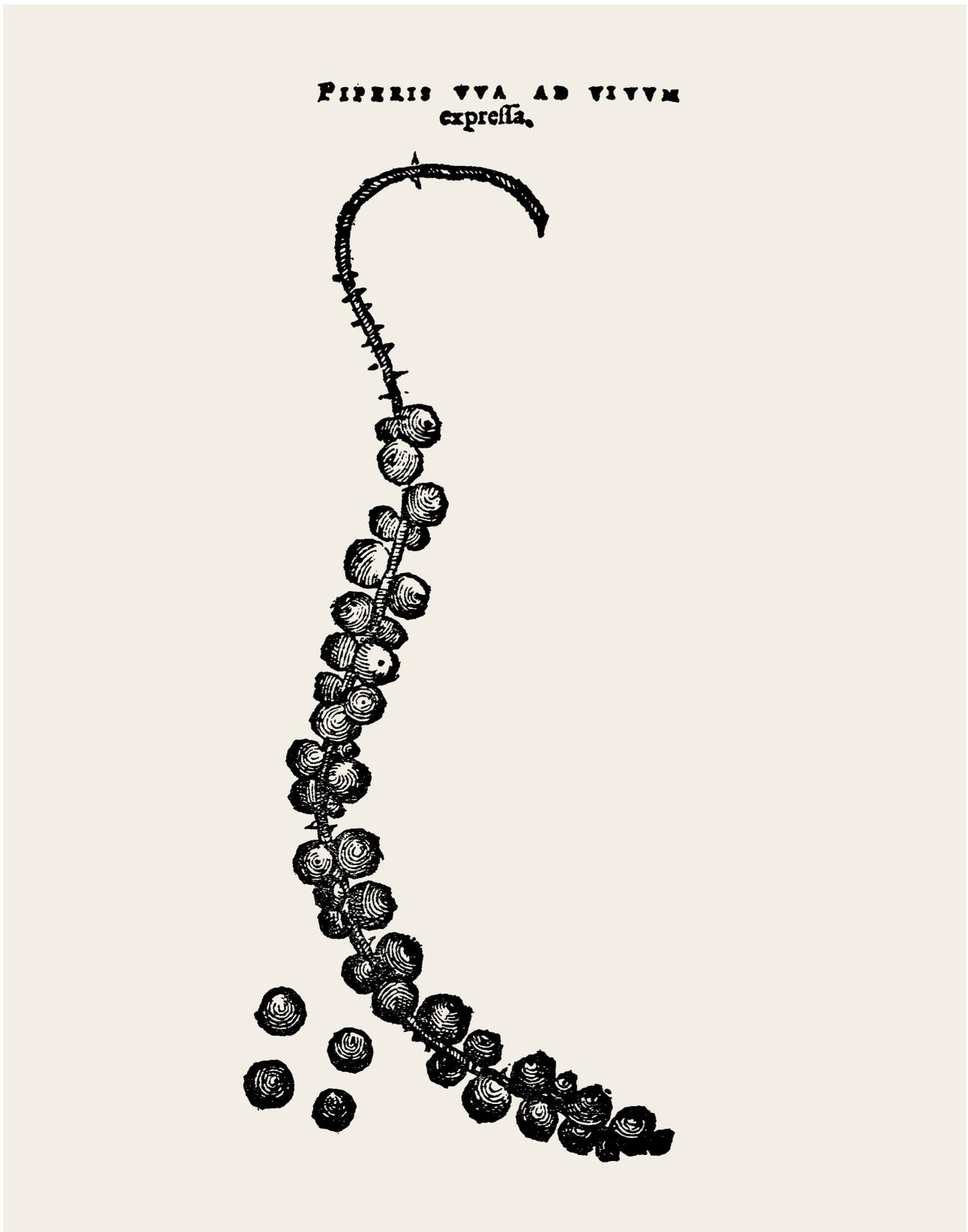
mais conhecido pelo *Livro das Maravilhas*, tiveram na Idade Média, deslumbrando uma vez mais a Europa sequiosa de novas sobre os prodígios e a riqueza desse mundo a oriente.

Marco Polo é, contudo, dos viajantes que vai começar a olhar o mundo, iniciando o que viria ser um longo e intricado percurso de inventário e classificação das diferentes espécies asiáticas. Na sua obra dá, por conseguinte, informações sobre a singular proveniência, características e utilidade das famosas especiarias, como podemos testemunhar no extracto dedicado ao reino de Coullão: “Em esta terra [...] Há hy pimenta em muy grande abastança que os montes e campos som cheos della. Empero as aruoesinhas em que pimenta nasce som domestiguas. E colhemna em mayo Junho e Julho.”¹⁶ Além da pimenta, a mais conhecida entre as especiarias asiáticas – teriam sido os soldados de Alexandre que a trouxeram para a Europa –, fala-nos do gengibre, do cravo, da noz-moscada, sem esquecer outras espécies como as nozes-da-índia. Marco Polo terá sido o primeiro europeu que viu a planta do gengibre na Índia e na China e que relata como as caravanas transportavam as raízes secas para a Ásia Menor de onde eram enviadas para Veneza. Na Europa, este rizoma, além do sabor, vai ser apreciado como medicina. O viajante deixa-se assim extasiar com a grande abundância de todas as espécies aromáticas e de muitas outras “cuja semelhança nunca vimos aquém do mar”¹⁷. Eis a revelação de uma terra de “promissão”, como a definiam os coevos.

Apreciadas na Europa, as especiarias irão, pois, cruzar os continentes. Trilhando longas e intrincadas rotas, estas espécies aportavam em cidades italianas, como Veneza, a terra natal de Marco Polo. Chegadas à Itália, eram distribuídas pelo Mediterrâneo e o Atlântico, que as levava até ao Norte da Europa, mormente à Inglaterra, ou até às cidades da Liga Hanseática. Era a chamada *galere de fiandra*. Mas, também por terra Veneza não deixava de fornecer ricas cidades comerciais como as do sul da Alemanha, igualmente muito empenhadas neste apimentado negócio.

A procura aumentava, pois, para além de associadas ao bem-estar, ao prazer e ao luxo, as especiarias¹⁸ seriam cada vez mais introduzidas na dieta alimentar¹⁹. Sem esquecer ainda as suas qualidades farmacêuticas. Se a farmacologia oriental há muito fazia uso das características medicinais destas espécies, produzindo medicamentos, pomadas, bebidas ou

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I



EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

cheiros, agora seriam os europeus a testar estes milagres. Assim, descobria-se que a canela²⁰ seria um bom remédio para a *angina pectoris*, problemas de fígado, dores de cabeça ou ainda no curativo de fístulas; o cravo seria excelente para dores de grangena, fígado, tonturas, enquanto a noz-moscada seria um antidepressivo que juntamente com a canela faria uma excepcional receita para a boa disposição.

Eis as expectativas com que se aguardava o regresso de Vasco da Gama. As naus da viagem inaugural do caminho marítimo para a Índia traziam não apenas as tão procuradas especiarias, como também notícias das regiões de que estas eram provenientes. Num dos anexos do relato desta primeira viagem, o seu presumível autor, Álvaro Velho, regista que as especiarias não seriam todas indígenas do Malabar. Se a pimenta seria originária de diferentes terras do Malabar, por exemplo, a canela já a sabe situar na ilha do Ceilão, onde existe, como refere, “a mais fina que há em esta Índia”²¹. Alude ainda ao comércio de cravo e de noz-moscada em Malaca, bem como a espécies asiáticas tais como o aloés, a madeira odorífera, cujo suco é um purgante, o pau-brasil e o benjoim, uma árvore indígena de Samatra, Java e do reino de Sião, cuja resina é também perfumada.

Estas novas, como sabemos, propagar-se-iam rapidamente pela Europa. Não propriamente através do escrito de Álvaro Velho, dado que este iria ficar manuscrito, mas através das epístolas de D. Manuel ou das missivas dos mercadores italianos, que atentamente acompanhavam os avanços da empresa marítima portuguesa. Relatos como os do mercador florentino Girolami Sernigi traçavam um retrato dos negócios do Oriente e, à semelhança de Álvaro Velho, informavam sobre o ambiente comercial de Calecute, onde se encontraria a canela, a pimenta, o cravo, o gengibre, o incenso, a laca e o pau-brasil – do qual, como menciona, estariam os bosques repletos²². Daí que não seja de admirar que se chegue a considerar que o rei de Portugal teria encontrado o maior tesouro do mundo, como expressa Tomaso Deti, um outro mercador italiano²³.

A partir deste momento iremos constatar não só o grande interesse e curiosidade pelo Oriente²⁴ como também uma crescente busca de dados mais concretos sobre a natureza oriental. Há, como iremos testemunhar,

um maior cuidado em descrever e identificar as espécies asiáticas, pois importa conhecê-las num discurso mais rigoroso e científico. Assim, nota-se um intento claro por parte dos viajantes em se debruçarem cuidadosa e detalhadamente sobre a botânica oriental. Vejamos como o mercador veneziano Nicolau de Conti, célebre pelo seu relato de 25 anos de viagens pelo Oriente²⁵, descreve a pimenta numa primeira tentativa de reforçar a precisão do conhecimento sobre esta planta: “A aruvore em que a pimenta nasce. He semelhante aa era. os seus grãos som verdes. de maneyra como som os grãos de zymbro, sobre os quaes lançam hua pouca de cinza e postos ao sol os secam”²⁶. Estes registos, intercalados entre muitas outras informações sobre o mundo oriental, denotam o frêmito desejo de mais saber e dar a conhecer sobre as espécies orientais. E a analogia às espécies conhecidas – a pimenta assemelhar-se-ia à hera – é o princípio adoptado por estes homens do Renascimento.

Um autor que irá ter um papel fundamental na difusão e valorização da botânica oriental é, sem dúvida, o bolonhês Ludovico de Varthema. Longas e precisas descrições, como a que faz para a pimenta, enriquecem o seu relato de informes preciosos sobre esta temática. Vejamos:

*“Nel territorio di Calicut si trovano molti arbori di pepe, e dentro della città ne sono ancora, ma non in molta quantità. Il piede di questi arbori è a modo d’una vite sottile, cioè piantata una pianta apresso qualche altro arbore, perché da se stesso non potria star dritto, sí come la vite. Questo arbore è molto simile e fa come l’edera, che si abbraccia e va tanto in alto quanto è il legno o arbore dove si possi abbrancare. La detta pianta fa gran quantità di rami, li quali sono di duoi o di tre palmi lunghi; le foglie di questi rami sono come quelle di aranci, ma sono più asciutte, e dal reverso sono piene di vene minute. E per ciascuno di questi rami sono cinque, sei e sette raspi lunghi un poço più d’un dito di uomo, e sono come è l’uva passa piccola, ma più assettati, e sono verdi com’è l’agresta. E del mese d’ottobre lo raccolgono così verde, e raccogliesi ancora del mese di novembre, e poi lo mettono al sole sopra certe stuore e lo lasciano al sole per tre o quattro giorni, e diventa così negro come si vedde quivi da noi, senza farli altra cosa. E dovete sapere che costoro non potato mai e manco zappano questo arbore che produce il pepe.”*²⁷

²⁰“Cacho de pimenta”, in Carolus Clusius, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia*.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I



In Ludovico de Varthema, *Die ritterlich und lobwirdig rays des gestrengen und über all anderweyt erfahren ritters und lantfarers herren Ludowico Vartomans von Bolonia sagent von den landen/ Egiptol/ Syrial/ von bayden Arabia, Persia, India und Ethiopial/ von den gestalten/ sytten und dero menschen leben und glauben/ Auch von mancherley/ thyeze, vöglen und vil andern in den selben landen/ seltsamen wunderparlichen sachen/ das er selbs erfahren und in aygner person gesehen hat...*, Augsburg, 1515.

A esta descrição atenta e pormenorizada da pimenteira muitas outras se poderiam enunciar, fazendo do seu relato um reconhecido e rico inventário descritivo da flora oriental. Varthema será também um dos primeiros europeus a mencionar o consumo de bétele²⁸, fazendo uma descrição correcta do preparado, como destacou Rui Loureiro²⁹.

É o mesmo zelo e atenção quando descreve os frutos, sejam eles a manga, a jaca³⁰, a banana – já mencionada no vale do Indo por Alexandre Magno –, ou ainda àquela que considera a mais frutífera árvore da Índia: a *cocos nucifera*. Vejamos:

“Un altro arvore vi voglio descrivere, il migliore che sia in tutto il mondo, il quale si chiama tenga ed è fatto a modo di un piede di dattalo. E di questo arborio se ne cavano molte utilità, cioè corde per navigare in maré, panni sottili, quali poi che

*sono tinti paiono di seta, noci per mangiare, vino, acqua, olio e zuccaro. E delle foglie che cascano, cioè quando casca alcun ramo, se ne coprono le case, e queste tengono l'acqua per messo l'anno. Se io non vi dechiarassi in che modo fa tanta cose, voi non lo credereste e manco potreste intenderlo.”*³¹

Descrita a árvore, onde se vislumbra o espanto e a admiração do observador, apresenta o fruto, que se pode comer, enquanto as cascas servem para queimar. Eis a descrição de uma árvore providencial, visto que fornece alimento, roupagem, materiais de construção quer para casas, quer para navios, num infindo rol de utilidades. As palmeiras irão ser, aliás, e no seguimento das palavras de Ludovico de Varthema, das espécies mais admiradas e mencionadas pelos autores pelo que se irão tornar um símbolo oriental adoptado no Ocidente, como teremos oportunidade de demonstrar mais adiante.

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

O carácter descritivo e informador da obra, um dos primeiros relatos impressos sobre o Oriente, foi uma das razões para a larga recepção que conheceu na Europa. A vontade de conhecer “pessoalmente” e de ver outras regiões “com os seus próprios olhos”, como nos informa no prólogo, levou-o a partir para o Oriente. Para além do que irá anotar acerca das terras e gentes por onde andou, dedicará grande cuidado às espécies botânicas desconhecidas. E como sempre acreditou mais no que se vê do que naquilo que se ouve contar resolve publicar o seu itinerário, a fim de que a sua experiência possa ser útil aos que se interessando por estes temas não tivessem tido a sua oportunidade de andar pelo mundo. No ano de 1510 viria a lume, em Roma, a primeira edição do seu relato que se tornaria um êxito editorial. Até meados do século XVII o *Itinerário* de Varthema conheceria 30 edições e ainda reproduções em colecções de viagens. Além das publicações na Itália³², este relato de viagem sairia em língua espanhola (1520) flamenga (1544) francesa, (1556) inglesa, (1576) e alemã. Na Alemanha, a primeira edição, em Augsburg, data já de 1515³³, seguindo-se a reedição na colectânea de viagens de Simon Grynaeus (1534), em 1548, na cidade de Frankfurt e, 100 anos depois da primeira edição, em Leipzig³⁴. É a riqueza informativa do texto que leva Hieronimus Megiser, o autor da última edição, a publicá-lo ainda em 1610³⁵.

Se é igualmente o desejo de conhecer regiões longínquas e desconhecidas que leva o editor germânico da primeira edição a verter o *Itinerário* de Varthema cinco anos mais tarde para a língua alemã, – produzindo a primeira tradução deste relato –, constatamos ainda que e, no seguimento de muitas edições no norte da Europa, este escrito viria a lume enriquecido com 46 ilustrações de renomeados gravadores como Jörg Breu, o Velho³⁶. E neste âmbito importa frisar que também na escolha das temáticas a ilustrar verificamos uma presença frequente de gravuras relacionadas com o mundo natural das regiões orientais³⁷. Pensamos, aliás, que, aliado à sua detalhada descrição, foi também o profundo interesse por aspectos e temas da natureza que justificou a larga receptividade que esta obra teve nos meios editoriais europeus³⁸.

Alguns anos mais tarde será a vez de dois portugueses, ambos residentes na Ásia, contribuírem para a classificação e inventariação do mundo natural oriental. Estamos a falar do boticário Tomé Pires, autor de um dos primeiros tratados de geografia, escrito entre

1512 e 1515, e da obra do feitor e viajante Duarte Barbosa, datada de 1516. Com efeito, os produtos descritos por Tomé Pires na sua *Suma Oriental*³⁹ são ainda hoje do domínio da farmacopeia portuguesa, enquanto o *Livro das coisas que viu e viu no Oriente* é um valioso compêndio da variedade e importância do mundo natural.

Uma das espécies a que também Duarte Barbosa irá dar grande atenção é a palmeira. Vejamos.

“Toda esta terra do Malabar, ao longo do mar, é coberta de palmeiras; são tão altas como altos ciprestes, as quais palmeiras têm os pés muito limpos e lisos, somente em cima, uma copa de ramos entre os quais ramos nasce uma fruta grande que chama coco; é fruta de que se eles muito aproveitam; cada ano carregam dela muitas naus do Malabar. A qual árvore dá, cada ano, esta fruta sem nunca faltar nem haver menos nem mais. A qual árvore mantém esta gente do Malabar que não pode cair de fome ainda que lhe falte outro mantimento, porque esta mesma árvore dá dez ou doze coisas, todas necessárias ao serviço do homem, das quais se eles muito ajudam, e aproveitam todas em todos os meses. Primeiramente ela dá estes cocos que, em verdes, são uma fruta muito doce e muito aprazível; deles se tira leite como o das amêndoas; e cada coco destes verdes tem dentro em si um grande quartilho de água muito fresca e saborosa e cordial que é melhor que água do poço; depois que são secos estes cocos, aquela mesma água se coalha dentro neles em uma poma branca, tamanha como uma maçã, que também é muito doce e saborosa; e o mesmo coco, depois de passado, o comem e fazem dele muito azeite em lagares, como nós; e da casca que estes cocos têm junto com o miolo fazem carvão para os ourives que não lavram com ouro; da outra casca que têm mais de fora, que lança uns fios, fazem cordoalha de que se servem, que é grande mercadoria para muitas partes; e da árvore mesmo tiram um mosto do gomo dela de que fazem vinho, propriamente como aguardente, em tanta quantidade que carregam muitas naus dele, e do mesmo mosto fazem muito bom vinagre e muito açúcar muito doce que, na Índia, é muito grande mercadoria; da folha da mesma árvore fazem umas empreitas do tamanho do ramo, com que cobrem todas suas

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

casas, porquanto a lei é que não possam cobrir casas de telha, senão se forem casas de rei ou de oração; e daquela árvore fazem madeira para as casas e assim lenha; e de todas estas coisas é tanta abundância que se carregam para fora muitas naus.

Há outras palmeiras de outra sorte, mais baixas, donde se colhe a folha em que os gentios escrevem suas contas e cartas e livros e há outras palmeiras delgadas, muito altas, limpas as hastes delas, em que nascem cachos de uma fruta, tamanha como nozes, que eles comem com o bétete, que chamam areca, que é entre eles, muito estimada e muito fera e desgostosa e há dela tanta quantidade que levam muitas naus carregadas para fora para o reino de Cambaia e Daquem e para outras muitas partes, a qual levam passada e seca.”⁴⁰

Verdadeira entrada de compêndio, esta descrição é um dos vários exemplos do saber condensado nas páginas desta obra e que deixa prever a sua relevada importância. Como homem de Quinhentos, vai procurando as semelhanças e as diferenças das coisas do mundo. Atentemos ao modo como descreve o cravo que vê nas Molucas:

“O mato destas ilhas é tudo cravo que nasce em umas árvores como loureiros; tem a folha como de medronho.

O mesmo cravo nasce em pinhas, como flor de laranja ou madressilva; nasce muito verde, depois se torna alvo; quando é maduro se torna vermelho muito fino. De maneira que então o anda colhendo à mão pelas árvores a gente mesmo da terra e o lança a secar ao sol onde se faz preto; se não há sol, em fumeiros o secam. Depois que é muito seco o rociam com uma pouca de água salgada para que não se desfça e que se mantenha em sua virtude.”⁴¹

É primeiro a semelhança que determina a descrição da nova espécie – um momento vital na ansiada leitura do mundo. A árvore é como a dos loureiros, as folhas como a do medronho, e as flores como a da laranja ou madressilva⁴². Numa permanente descoberta das espécies orientais, Duarte Barbosa delinea no seu *Livro* um verdadeiro inventário da flora recém-descoberta.

Nas palavras do ilustre historiador Luís de Albuquerque “Os dois escritos, o de Barbosa e o de Tomé Pires, são na verdade fontes de informação

insubstituíveis, e bem o compreendeu Ramusio, que verteu ambos para italiano e os inseriu na sua famosa colectânea⁴³. “O letrado Giovanni Ramusio sabia dos motivos que o levaram a inserir estes dois textos na sua colectânea. As *Navigazioni e Viaggi* pretendiam reconstruir uma imagem do mundo à escala planetária e isso só seria possível através de obras como estas, resultantes de uma vivência e experiência pessoal e de um vasto saber sobre as características e qualidades da “prosa do mundo”.

ORTA E CLUSIUS

Entre a vasta produção tipográfica europeia, os *ateliers* e oficinas já há muito que vinham a editar um longo rol de escritos dedicados à botânica. Assim, encontramos obras como as de Pietro Crescenzi, autor de um dos tratados de agricultura mais difundidos e conhecidos no século XIV, ou Konrad von Megenberg (1309-1374), conhecido como o sucessor nortenho de Albertus Magnus. Este traduziu um manuscrito (datado do século XIII) de Thomas of Cantimpre intitulado *De natura rerum*. A nova versão, a que deu o nome *Das Buch der Natur* [O Livro da Natureza], viria a lume em 1475, na cidade de Augsburg. Esta obra tornar-se-ia uma referência, dado que contém as primeiras ilustrações impressas em história natural. Mas o que importa desde já frisar é que as gravuras não seriam entendidas como mera decoração, mas pelo contrário o seu intento era dar uma imagem visual do texto, parte do processo de reconhecimento e de abordagem científica. Neste sentido, esta obra viria a ser um modelo para os livros ilustrados e poder-se-á comprovar o seu sucesso nas seis edições vindas a lume até 1500.

Posteriormente, outros escritos virão a público como o *Herbarius Latinus*, o primeiro herbário editado em Mainz, no ano de 1484. Em primeira linha, trata-se de uma compilação de fontes árabes e clássicas com 150 gravuras de plantas por ordem alfabética. Um ano depois já se edita em latim e em alemão, desta vez com o título *Gart der Gesundheit*, e, apesar de muito próxima do *Herbarius Latinus*, esta obra introduz mais ilustrações num total de 400.

Já no século XVI irão surgir trabalhos de autores como Leonard Fuchs (1501-1566), considerado um dos fundadores da botânica alemã. A sua obra, na esteira de Otto Brunfels (1488-1534)⁴⁴ e de Hieronymus Bock (1498-1554)⁴⁵, descreve originalmente 400 plantas

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

oriundas da sua terra natal, a que acrescenta algumas plantas do Oriente e da América⁴⁶. Com excelentes ilustrações produzidas por bons artistas e gravadores, esta obra tornar-se-á um compêndio de referência. Tal como se pode comprovar por uma das ilustrações da obra, os gravadores fazem os desenhos com as plantas à vista, demonstrando o espírito de rigor e veracidade com que o trabalho é feito. Esta, aliás, a novidade dos herbários realizados no norte da Europa que, ao usarem exemplares vivos ao contrário dos do Sul que usavam plantas secas, introduziam nestes manuais um cariz mais naturalista na busca do verdadeiro conhecimento. É um longo caminho a trilhar e os autores estão conscientes de que é necessário muito empenho e saber. Da dificuldade em conhecer e transmitir correctamente as informações é Leonhard Fuchs um bom exemplo. Assim, e embora já insira informações sobre plantas dos novos mundos, como acontece com os pimenteiros⁴⁷, originários da América, Fuchs denomina-os genericamente por pimenta indiana⁴⁸ ou pimenta de Calecute – esta a via por onde se teve acesso às novidades⁴⁹ –, enquanto o milho aparece como trigo turco ou asiático⁵⁰. Este exemplo é bem significativo da importância de que se reveste o trabalho destes homens e da necessidade de mais e mais aprofundados conhecimentos.

É neste âmbito que surge a primeira obra de botânica médica oriental da autoria do português Garcia da Orta (c. 1501-1568), que irá não só desfazer ideias erróneas e falsas em relação às espécies asiáticas, mas também trazer muitas e relevantes novidades à luz dos seus tão interessados contemporâneos.

Consciente do momento presente, será Orta quem afirma “Digo que se sabe mais em hum dia agora pellos Portuguezes, do que se sabia em 100

annos pellos Romanos”⁵¹. Esta é a expressão clara de um renascentista crente no valor da observação e nos alicerces do saber experimental. A sua obra constrói-se, por isso, num permanente questionar do saber herdado frente ao adquirido pela experiência e pela observação. Este facto que parece fácil e claro, não o foi para Garcia da Orta. Esta atitude, sinónimo de modernidade, exigia conhecimentos, paciência e, por certo, ousadia. Vejamos. Sobre a história natural da Índia já se conheciam referências, anotações, escritos. Ao contrário de outras regiões – ou continentes, como o americano sobre o qual nada se sabia – já existiam, embora difusas e vagas, informações vindas da pena de autores

como Plínio, Heródoto, Teofrasto, entre outros. Com o alvorecer da modernidade e o avanço da arte da imprensa, tinha-se assistido, por um lado, à edição de textos até então inéditos e desconhecidos: latinos, versões de escritos gregos, árabes, enfim um grande número de testemunhos onde se encontravam as mais diversos dados sobre a natureza e o mundo⁵², por outro lado foram surgindo textos de viajantes que procuravam de alguma forma emendar e corrigir o saber existente. Como

anteriormente referenciamos, a Literatura de Viagens teve aqui também um enorme contributo, visto que entre as anotações dos seus autores se encontravam inestimáveis e singulares observações sobre a história natural ou simplesmente sobre determinadas espécies ou drogas.

Ora, foi neste ambiente de dois mundos informativos em confronto que Garcia da Orta partiu para o Oriente. Que o trabalho não foi fácil, dá-nos ele conta: “Grande meada temos pera desempeçar, e grande nós pera desatar, como os que Alexandre cortou por escusar o trabalho de os desempeçar”⁵³. Isto é: entre as muitas e nebulosas informações, o diligente e insigne



In Leonhart Fuchs, *New Kreütterbuch*, Basel, 1543.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

autor tem de encontrar a o fio da meada que o levará ao conhecimento. Para isso deverá ter a paciência de tirar os nós, ou seja, os erros, as confusões; e essa é a arte do ofício, pois só assim poderá manter a continuidade na ordem das coisas. Não se deverá cortar, como fez Alexandre Magno, o fio à meada para a desembaraçar mais depressa, assim o refere Garcia da Orta. Poderá à primeira vista parecer uma solução mais eficaz e rápida, mas assim perdem-se as relações existentes e as conotações estruturais. Como é que o botânico e cientista irá proceder?

Sabemos que, ao partir para a Índia em 1534 como médico, Garcia da Orta leva na sua bagagem intelectual uma formação académica – Orta realizara os seus estudos em Alcalá e Salamanca. Ou seja, Orta não é um simples viajante; é um viajante erudito. Pode e vai recorrer aos seus conhecimentos, ao saber herdado. Mas no Oriente, Orta recorre à observação *in loco*. Esta a sua situação particular. Entre os viajantes era um erudito; entre os eruditos era um viajante. Assim dos que viram,

Garcia da Orta, *Colóquios dos simples e cousas medicinais da Índia*, Goa, 1563.

¶ Colóquios dos simples, e drogas he coufas medicinais da India, e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas coufas tocantes a medicina, pratica, e outras coufas boas, pera saber cõpostos pello Doutor garçia orta: fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçençiado Alexos diaz: falcam desenbarçador da casa da supricaçã inquisidor nestas partes.

¶ Com privilegio do Conde visõ Rey.

Im presso em Goa, por Ioannes de endem as x. dias de Abril de 1563. annos.

distinguiu-se pelo que tinha lido, dos que leram, pelo que tinha visto, como salientou o Conde de Ficalho na sua obra *Garcia da Orta e o Seu Tempo*⁵⁴.

Que o autor tinha uma longa lista de leituras feitas, podemos-lo comprovar pelas inúmeras citações e referências feitas. Só que Orta não se irá fundamentar apenas nas suas leituras. Nos meados do século XVI o seu discurso conhecedor de ambas as realidades irá dar lugar a uma “meada” única e clara. Deste modo, o autor vai afirmar que Plínio errou, que Teofrasto não diz bem quando refere que o cinamomo antigo teria muitos nós, porque ele não estivera no Oriente para saber como era a árvore⁵⁵, ou ainda “não me ponhais medo com Dyoscorides nem Galeno, porque ey de dizer a verdade, y o que sei”⁵⁶. Donde lhe vem a coragem de emendar os seus antecessores? A confiança, a certeza das suas afirmações são expressão da experiência e da observação. Orta confia no que vê. Esse é o princípio do seu saber: “e isto sei eu muyto bem sabido como testemunha de vista”⁵⁷.

Foi a oportunidade de viajar e de ver *in loco* que lhe deu a coragem para contrariar os antigos e que, ao mesmo tempo, lhe deu autoridade para o poder afirmar. A sua leitura baseia-se agora, não no “lisível”, mas no visível, como demonstrou Luís Filipe Barreto⁵⁸.

Garcia da Orta não pretende menosprezar os autores da Antiguidade, fala deles com o maior respeito, – não devemos olvidar que o título e a estrutura narrativa da obra de Garcia da Orta são *Colóquios*, ou seja, uma conversa entre duas personagens, o doutor Ruano, o ex-aluno de Salamanca, o erudito, que sabe de cor Dioscórides ou Plínio, e Orta, o experiente observador que, imperturbável, afirma “eu vi” – sem que, contudo, ponha em risco ou prescindida da sua liberdade de apreciação perante a nova “prosa do mundo”.

À observação, alia-se a experiência. Quando fala das mangas, uma espécie que o entusiasmo pela sua beleza e sabor, refere que um seu rendeiro de Bombaim lhe trouxe um cesto de mangas para que as ofereça ao governador: “Vem a melhor tempo do mundo: eu tenho huma mangeira naquella minha ilha [de Bombaim] que dá duas novidades, huma neste tempo, e outra no fim de Maio; e quanto a outra fruta excede a esta em bondade e cheiro e sabor, excede esta me vir fora do tempo; e porém provemos nós primeiro esta fruita que sua Senhoria”. E, cortando-as com facas pouco agudas, afirma que “no outro tempo excederam todalas as frutas de Espanha.”⁵⁹ Sempre atento, Orta investiga

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

a nova realidade que o rodeia, instigando até as suas próprias experiências, como num laboratório privado de observação.

Nos Colóquios encontram-se classificadas mais de 50 drogas orientais, principalmente de origem vegetal, como o aloés, o benjoim, a cânfora, a canafístula, o ópio, o ruibarbo, os tamarindos e muitas outras. É a primeira descrição rigorosa feita por um europeu das características botânicas, origem e propriedades terapêuticas de muitos fármacos orientais que, apesar de conhecidos anteriormente na Europa, o eram de maneira errada ou incompleta. Por vezes, anota também algumas observações clínicas, das quais é de destacar a primeira descrição da cólera asiática.

Com esta obra, Garcia da Orta lega um valioso e inestimável testemunho para uma imagem mais real e verdadeira da natureza oriental. O mítico e sonhado Oriente cedia lugar a uma representação mais próxima da realidade. Daí que o livro de Garcia da Orta, o primeiro estudo naturalista destas espécies, venha a ser uma marca no conhecimento das drogas orientais – e assim vai a ser reconhecido e admirado. A sua obra *Colóquios dos simples e drogas da Índia* não foi, por acaso, vertida para a língua latina pelo ilustre e célebre botânico Carolus Clusius (Charles de l'Écluse). Na verdade, Clusius era então o mais renomeado botânico na Europa. Nascido em 1526, Clusius estuda Direito em Lovaina e Marburg e seguidamente Medicina em Wittenberg. Mais tarde, já em Montpellier, irá descobrir o seu interesse e paixão pela botânica. Nesta cidade virá a realizar o seu primeiro estudo nesta especialidade, vertendo para o francês o livro de Rembertus Dodonaeus (1517-1585), autor de uma história das plantas⁶⁰. No ano de 1564 parte como preceptor de Jakob Fugger, uma mais prestigiadas famílias de mercadores alemães, para a sua primeira viagem científica por terras de Espanha e Portugal, onde irá durante dois anos descobrir, descrever e coleccionar mais de 200 novas espécies de plantas. Assim, nos anos seguintes dedicar-se-á à escrita de uma *Historia stirpium per Hispanias* e à tradução de obras de botânica portuguesas e espanholas. Com efeito, na sua estada em Portugal, Clusius vai ter conhecimento dos *Colóquios* de Garcia da Orta e um ano mais tarde já detinha nas suas mãos o privilégio de impressão. Em 1567, vinha a lume uma versão reduzida e anotada dos *Colóquios* sob o título *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia*⁶¹,



Carolus Clusius.

na cidade de Antuérpia. A obra de Clusius voltaria aos prelos em 1574, 1579, 1593 e 1605. O botânico flamengo publica assim cinco edições e ainda algumas notas ao livro, no ano de 1582. Nunca deixou de trabalhar a sua versão, melhorando-a e completando-a com notas e estampas, o que, como já salientou o Conde de Ficalho⁶², denota o quanto prezava o livro português. A obra de Orta era como a estrutura basilar a que ia juntando complementos e anexos.

A sua fama não conhece fronteiras em terras europeias. Primeiro será chamado para Viena, onde Clusius permanecerá ao serviço do imperador Maximiliano II durante 14 anos. Um dos seus trabalhos seria a criação de um *hortus medicus*, um jardim botânico⁶³, experiência que irá repetir em Praga. Nesta cidade virá também a recolher dados sobre a flora local, tornando-se deste modo um dos melhores conhecedores da flora europeia. Mas os novos mundos não serão esquecidos pelo que a quarta edição (1593) dos *Colóquios* seria uma edição conjunta do texto de Garcia da Orta com as obras de Cristóvão da Costa (1525-1593) e de Nicolau Monardes (1493-1508), uma obra sobre a flora americana.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

Clusius foi ainda tradutor de relatos de viagem como os de Thomas Harriot⁶⁴, Jacob Le Moyne⁶⁵ e Walter Raleigh⁶⁶. Por fim, com 66 anos, em 1592, será nomeado director do jardim da Universidade de Leiden, lugar que ocupará até à morte, no ano de 1609. Neste jardim, irá naturalmente plantar belas e curiosas novidades de outros mundos⁶⁷.

*Marco Polo é, contudo,
dos viajantes que vai começar
a olhar o mundo,
iniciando o que viria ser
um longo e intricado percurso
de inventário e classificação
das diferentes espécies asiáticas.*

Carolus Clusius, o maior botânico da Europa do seu tempo, sabia do valor dos *Colóquios* e sabia da necessidade de dar a conhecer o labor de Orta. Daí que o papel de botânico passasse pela tarefa de traduzir e comentar este inovador escrito. Neste seu trabalho não hesita, como vimos, em alterar a estrutura da obra, que deixa de ser um diálogo para apresentar alfabeticamente a matéria científica que se pretendia dar a conhecer. Assim, elabora uma versão reduzida em que apresenta condensadamente os conteúdos revelados por Orta. Não se trata então de uma tradução *ipsis verbis* do texto português, que ficou desconhecida na sua forma primitiva. Na verdade, ninguém leu os *Colóquios* no original português, como já salientou o Conde de Ficalho⁶⁸. Embora este não seja o lugar para aprofundar esta questão, podemos, no entanto, salientar que este é um momento particular da história da recepção dos *Colóquios*. Aos homens de ciência europeus, o que importava era a mensagem científica e essa foi assegurada. Por outras palavras, o labor de Garcia da Orta não passou despercebido, como aconteceu a muitas outras obras portuguesas, e pôde assim ser conhecido e reconhecido como um fundamental contributo para o discurso científico coevo⁶⁹.

É nesta mesma atitude que devemos compreender a inserção de imagens, um contributo que, como

vimos, é entendido como um esclarecimento visual da descrição e caracterização das espécies descritas. Este labor de rigor e cuidado pela informação natural é a expressão do estudioso à procura dos mistérios do universo.

Estas alterações, assim como uma reformulação mais consequente da ordem alfabética das matérias apresentadas, são princípios metodológicos na consolidação de um discurso que se pretende cada vez mais científico. Não obstante edite todas as informações necessárias ao conhecimento da botânica oriental, Clusius vai por isso alterar a estrutura da obra. Clusius despreza, por assim dizer, o “diálogo metodológico e cultural” para destacar somente o aparelho factológico oriental. Os conteúdos, ou “succo científico” na expressão do Conde de Ficalho, era o que os letrados europeus pretendiam conhecer. Ainda na última edição, *Exoticorum libri decem: quibus animalium, pantarum, aromatum...*, uma obra das oficinas de Christopher Plantin, podemos constatar o respeito e o esmero com que esta obra era concebida por estes amantes e estudiosos da “prosa do mundo”⁷⁰.

Clusius não seria o único a editar a obra de Garcia da Orta; outros lhe seguirão as suas passadas, mas foi através dele que Orta chegou aos restantes leitores europeus. E, por certo, foram as suas edições de Garcia da Orta que incentivaram traduções⁷¹ e estiveram na base do estudo sobre a flora asiática.

Entre os seguidores de Orta⁷² podemos mencionar o caso do médico Cristóvão da Costa, um português nascido em África, que na Índia chegou a conhecer Garcia da Orta e que Clusius, como vimos, igualmente deu a conhecer. Estabelecido em Burgos, Cristóvão da Costa foi para a Índia na companhia do vice-rei D. Luís de Ataíde, tendo chegado a Goa no ano de 1568. Dez anos mais tarde publicava o *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales*⁷³, uma obra em que, como refere o título, “se verifica muito do que escreveu o Doutor Garcia de Orta”.

Bem perto das informações deixadas por Orta, Costa também se preocupa maioritariamente com as matérias apresentadas e com a imagem visual das espécies descritas. Tal como nos diz no prólogo, a sua obra surge no intuito de colmatar algumas falhas da obra de Orta, mormente o não ter imagens:

“Faltou também outra perfeição substancial à obra, que são as pinturas, e debuxos das plantas, de que trata: do que ocupado o Doutor

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I



In Im Gärten der Palme. Kleinodien aus dem Zeitalter des unbekanntem Barock, Ausstellungskatalog, Wolfenbüttel, 1992.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

Orta em outras coisas mais graves, e que mais deviam importar-lhe, deixou de inseri-las nela. Parecendo-me a mim, que nesta nossa nação seria aquele livro de grande proveito, se se desse notícias das coisas boas, que nele há, mostrando-se com os seus exemplos, e figuras, para melhor conhecê-las, e que isto só o podia fazer quem ocularmente com seus mimosos olhos os houvesse visto, e experimentado. Zeloso do bem desta terra, com a caridade que ao meu próximo devo, deliberei tomar este trabalho, e debuxar ao vivo cada planta, extraída com a raiz, além de outras cousas, que eu vi, e o Doutor Garcia de Orta não pôde pelas causas ditas.”⁷⁴

Após estas edições, o nome de Orta não vai deixar de se fazer ouvir. O imenso saber da sua obra está testemunhado nas inúmeras referências e utilizações feitas por outros textos e autores. E foi por considerarem que “a natureza mostrou mais o seu saber, do que na muita variedade de pedras, montes, ervas, flores, plantas, animais, e outra infinidade que coisas, com que adornou este tão formoso teatro a que chamamos mundo...”⁷⁵ que vamos encontrar muitos autores a deitarem mãos ao trabalho.

Viajantes como Jan Huyghen van Linschoten (1563-1611)⁷⁶, estudiosos como Nicolau Monardes (1493-1508)⁷⁷, Andrea Cesalpino (1519-1603)⁷⁸, Jacobus Bontius (1592-1631)⁷⁹, Basilius Besler (1561-1629)⁸⁰, Henricum van Rhede (1637-1691)⁸¹, Johannes Commelino (1629-1692)⁸², Guilielmus Piso (1611-1678)⁸³, Michael Bernard Valentini (1657-1720)⁸⁴, o droguista Peter Pomet (1658-1699)⁸⁵, ou letrados como Erasmus Francisci (1627-1694)⁸⁶, Eberhard Werner Happel (1618-1690)⁸⁷, ou o enciclopedista Johan Heinrich Zedler (1706-1763)⁸⁸, seguem o trabalho de Orta, que consideram um inestimável contributo para o conhecimento da botânica e da matéria médica orientais.

Sempre que é necessário recorrer a descrições precisas de espécies asiáticas, a obra de Garcia da Orta, na versão de Clusius, é um manual precioso. E os estudiosos destas matérias irão recorrer ao trabalho do botânico português como um dos maiores conhecedores das plantas orientais. Entre os muitos verbetes do grande *Universal Lexicon aller Wissenschaften und Künste*, o maior dicionário do século XVIII, encontramos várias vezes o nome de Garcia da Orta. Quando se trata, por exemplo, de fornecer os nomes, como *nux indica*, mangas, mangas

bravas, *canella ignobilior*, surge a referência ao trabalho de Orta, mas também quando se descrevem algumas destas espécies alude-se ao botânico português. Algumas vezes, mas nem sempre, o nome surge em associação ao de Clusius como, por exemplo, quando na entrada do coco se refere que quem quiser mais informações deverá consultar “Garzia ab Horto”. Também existe um verbete sobre o seu nome, onde se refere que foi o autor de *Aromatum*, obra que Clusius teria anotado e apenas se menciona a edição de 1574⁸⁹.

Talvez possamos mesmo afirmar que algumas descrições e apresentações de Orta são frequentes e modelares, como é o caso dos capítulos referentes às mangas ou palmeiras.

Embora essa seja já outra história, é curioso verificar que as palmeiras nas suas diferentes variedades e os respectivos frutos, os cocos, virão a ter um destacado significado na recepção do mundo oriental. Símbolos associados ao Oriente irão ser integrados na cultura europeia em diferentes contextos.

Já nos inícios do século XVI o célebre Albrecht Dürer anota no seu diário a sua grande surpresa face a um coco que Rodrigo, o feitor português, lhe ofereceu⁹⁰. Homem das artes, estava atento ao mundo ao seu redor, procurando na *imitatio* um caminho para a sua expressão artística. Mais tarde sabemos dos belos trabalhos de arte feitos a partir do invólucro do coco como os que se encontram nos “Gabinetes de Curiosidades”⁹¹, mormente os da *Kunstammer* do imperador Rodolfo II⁹². Muitas, como vimos, são as descrições sobre a utilização de cocos na Índia e da palmeira como essa árvore providencial de que tudo se poderia aproveitar. Daí que também não seja de estranhar que esta árvore se torne o emblema de uma academia literária barroca como a *Fruchtbringende Gesellschaft*, que pretendia – segundo o moto “Alles zu Nutzen” (Tudo se aproveita) – contribuir de variadas maneiras para o desenvolvimento do saber e da cultura sob o símbolo de uma planta simultaneamente rara e de utilidade múltipla⁹³.

No longo percurso de apropriação e valorização da natureza oriental, vários foram os contributos como tivemos oportunidade de salientar. Contudo, o trabalho de Garcia da Orta e o de Carolus Clusius constituiu um momento particularmente significativo no conhecimento das espécies asiáticas na Europa. Ambos estavam imbuídos do mesmo espírito: conhecer e dar a conhecer a revelação das plantas. **RC**

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

NOTAS

- 1 Mário Martins salienta que é o facto de se limitarem apenas a determinados autores e obras que leva os historiadores da Idade Média a tomar esta posição. Dá o exemplo do historiador Etienne Gilson que, ao abordar S. Tomás de Aquino, Alberto Magno, entre outros, afirma: “*Si donc les hommes de ce temps ont mal connu la nature*”. Veja-se Mário Martins, “Experiência e Conhecimento da Natureza no ‘Livro da Montaria’”, in *Estudos de Cultura Medieval*, Braga, 1969, p. 87.
- 2 Veja-se, por exemplo, João Gouveia Monteiro, “Orientações da Cultura da Corte na 1.^a metade do século XV (A Literatura dos Príncipes de Avis)”, in *Vértice* (1988), pp. 89-103.
- 3 Mário Martins, “Experiência e Conhecimento da Natureza no ‘Livro da Montaria’”, cit., p. 100.
- 4 Johan Huizinga, *O Declínio da Idade Média*, s.d., s.l.
- 5 Veja-se, por exemplo, António Alberto Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972; Fernando Cristóvão (coord.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, Lisboa, Cosmos, 1999 e Folker Reichert, *Erfahrung der Welt, Reisen und Kulturbegegnung im späten Mittelalter*, Stuttgart, W. Kohlhammer Verlag, 2001.
- 6 Veja-se como exemplo a recente publicação de Paulo Lopes, *Viajar na Idade Média. A Visão Ibérica do Mundo no Livro do Conhecimento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.
- 7 Veja-se Inácio Guerreiro, “Reflexos da produção e do comércio das especiarias na cartografia antiga”, in *A Epopeia das Especiarias*, Lisboa, INAPA, 1999, pp. 148-165.
- 8 Sobre a Geografia do Renascimento, dois relevantes exemplos: a *Welchronik* de Hartmann Schedel (Nürnberg, 1493) e a *Cosmografia* de Sebastian Münster (Basel, 1544-1628).
- 9 “E porque, senhor, disse Gil Eanes, me pareceu que devia trazer algum sinal de terra, pois que em ela saía, apanhei estas ervas que apresento à Vossa Mercê, as quais nós, em este Reino, chamamos rosas de Santa Maria”, Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos Feitos Notáveis que se Passaram na Conquista da Guiné por Mandado do Infante D. Henrique*, ed. Torquato de Sousa Soares, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1981, p. 73. O cronista João de Barros acrescenta “As quais trazidas ante o Infante, êle as cheirava e tanto se gloriava de as ver, como se fôra algum fruto e mostra da terra da Promissão, dando muitos louvores a Deus”, *Ásia*, ed. Hernâni Cidade e Manuel Múrias, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945, I livro, cap. IV, p. 25.
- 10 In José Manuel Garcia, *As Viagens dos Descobrimientos*, Lisboa, Presença, 1983, p. 35.
- 11 *Ibidem*, p. 168.
- 12 Sobre a imagem da Índia na Antiguidade, veja-se, Jacques André e Jean Filliozat, *L’Inde vue de Rome. Textes latins de l’Antiquité relatifs à l’Inde*, Paris, Les Belles Lettres, 1986.
- 13 Isidoro de Sevilha fala ainda das montanhas de ouro, interditas por monstros e gigantes, na esteira das descrições de Plínio e Solino. José Oroz Reta (ed.), San Isidoro de Sevilla, *Etimologias*, 2 vols., Madrid, BAC, 1982-1983.
- 14 Veja-se Paul Faure, *Magie der Düfte, Eine Kulturgeschichte der Wohlgerüche. Von den Pharaonen zu den Römern*, München, Artemis & Winkler Verlag, 1991 e Marcel Detienne, *Les Jardins d’Adonis. La mythologie des aromates en Grèce*, Paris, Gallimard, 1972.
- 15 O valor que lhes era atribuído na Idade Média está testemunhado no facto de as especiarias serem uma moeda tão apreciada como o ouro. Os pagamentos de dívidas e impostos, bem como ofertas, seriam em arrobas de especiarias. Veja-se, entre outros, Hansjörg Küste, *Kleine Kulturgeschichte der Gewürze. Ein Lexikon von Anis bis Zimt*, München, Beck C. H. Verlag, 1997.
- 16 Marco Paulo, ed. Valentim Fernandes, Lisboa, 1502, ed. Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, 1922, fol. 69r.
- 17 *Ibidem*, fol. 62v.
- 18 Sobre a canela, veja-se Marília dos Santos Lopes, *Ao Cheiro Desta Canela. Notas para a História de Uma Especiaria Rara*, Lisboa, Público, 2003.
- 19 Entre as espécies conhecidas, as mais usadas são a pimenta e a canela. As especiarias acompanham uma refeição medieval desde as entradas até às sobremesas. Uma ementa datada do ano 1303, e elaborada em honra de um bispo, dá expressividade a esta diversidade culinária sempre adornada com especiarias: entre as muitas iguarias encontramos: sopa de ovos com pimenta, açafão e mel, peixe com pimenta e ainda peras e maçãs temperadas com pimenta e anis. Por fim, ainda se ofereciam confeitos à base de açúcar, pimenta, noz-moscada e gengibre. Cf. Manuela Mahn, *Gewürze, Geschichte, Handel, Küche*, Stuttgart, Reclam Verlag, 2001.
- 20 Sabemos que, desde o século VIII, eram frequentes, na Europa, as referências à importação de canela. Por exemplo, já no século XII é atestado o comércio de especiarias, nomeadamente da canela em Portugal. No *Inventário e Contas da Casa de D. Dinis* (1278-1282) é referida a aquisição de especiarias e medicamentos, entre eles, a canela. A importância das especiarias em geral e da canela em particular na terapêutica medieval pode ser, aliás, comprovada por exemplo, no *Thesaurus Pauperum* atribuído a Pedro Hispano (1210/15-1277), que viria a falecer como Papa João XXI. Veja-se *A Epopeia das Especiarias*, coord. Inácio Guerreiro, cit.
- 21 In José Manuel Garcia, *As Viagens dos Descobrimientos*, cit., p. 217.
- 22 Publicado in Rui Manuel Loureiro, *Em Demanda do Oriente. Viagens e Notícias Quatrocentistas*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998, p. 45.
- 23 *Ibidem*, p. 59
- 24 Veja-se Geneviève Bouchon, “L’image de l’Inde dans la Europe de la Renaissance,” in *Inde découverte, Inde retrouvée, 1498-1630. Études d’histoire indo-portugaise*, Lisboa/Paris, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1999, pp. 311-333.
- 25 Nicolau de Conti será editado em Portugal por Valentim Fernandes, em 1502, a fim de confirmar e actualizar as informações de Marco Polo. Conti deu preciosas informações sobre as especiarias, a sua origem e o respectivo comércio. Marco Paulo, ed. Valentim Fernandes, cit.
- 26 Fernandes, fol. 82r. Também Balthasar Springer, que viajou na armada de D. Francisco de Almeida, irá dizer que a pimenta se assemelha a cachos de uvas. Balthasar Springer, *Die Merfart vñ erfahrung nūwer Schiffung vnd Wege zū viln onerkanten Inseln vnd kunigreichē/ von dem großmechtigen Portugalichen Kunig Emanuel Erforscht*, o.O. (Oppenheim), 1509.
- 27 Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, Veneza, 1550-1559, ed. Marica Milanese, 6 vols., Torino, Einaudi, 1978-1988, I vol., pp. 833-34.
- 28 *Ibidem*, p. 828.
- 29 Rui Manuel Loureiro, “A verde folha da erva ardente: consumo de bétela nas fontes europeias quinhentistas, in *Mirabilia Asiatica, Produtos Raros no Comércio Marítimo*, coord. Jorge M. Santos Alves, Claude Guillot, Roderich Ptak, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 1-20.
- 30 Segundo José E. Mendes Ferrão, a mais antiga referência a este fruto que os portugueses conheceram na Índia encontra-se no relato do piloto anónimo ao mencionar-se que o samorim de Calecute “mandou trazer huma fryta que he fecta como meloees saluo que de fora sam crespos, mas de dentro sam doces”. Veja-se José E. Mendes Ferrão, *A Aventura das Plantas e os Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1992, p. 182.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

- 31 Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, ed. Marica Milanesi, cit., I vol., p. 836.
- 32 Roma 1510, 1517; Veneza, 1517, 1518, 1520, 1526, 1536, 1550, 1560; Milão, 1519, 1523; Veneza, 1535, 1536 e ainda na obra de Giovanni B. Ramusio 1550, 1563, 1588 e 1606. São também de referir as edições latinas, Milão 1510, e na obra de Simon Grynaeus em 1532, 1537 e 1555.
- 33 Ludovico de Varthema, *Die ritterlich und lobwirdig rays des gestrengen und über all anderweyt erfahren ritters und lanfjars herren Ludowico Vartomans von Bolonia sagent von den landen/ Egiptol/ Syrial/ von bayden Arabia, Persia, India und Ethiopial/ von den gestalten/ sytten und dero menschen leben und glauben/ Auch von mancherley/ thwere, vöglen und vil andern in den selben landen/ seltsamen wunderparlichen sachen/ das er selbs erfahren und in aygner person gesehen hat...*, Augsburg, 1515. p. Aij.
- 34 Varthema teve ainda edições inglesas de 1577 e 1625 e as holandesas de 1503 e 1664. Esta última também já passados mais de 100 anos após a primeira edição.
- 35 Tido em tão elevada consideração, como aferimos este relato constituiria um documento inestimável para os geógrafos e conhecedores do mundo pelo que não haveria obra de cosmografia que não o tivesse como “*ad descriptionem Asiae*”. “[...] *so ist diese seine Reyßbeschreibung jederzeit bey allen gelehrten Geographis vnd Weltbeschreiben in so hoher acht gehalten worden/ daß seither vast nie kein Cosmographi außgangen/ da nicht ad descriptionem Asiae viel heraus genommenen*”. Ludovico Bartheima, *Hodeporicon Indiae Orientalis, Das ist: Warhafftige Beschreibung der auserlich lobwürdigen Reyß/ welche der Edell/ gestreng vnd weiterfährne Ritter H. Ludwig di Bartheima...*, Leipzig, 1610, prólogo sem pag.
- 36 A primeira edição de 1515 foi ilustrada por Jörg Breu, o Velho. Vejam-se as reproduções in Max Geisberg, *Die deutsche Buchillustration in der ersten Hälfte des 16. Jahrhunderts*, München, 1930, pp. 211-13.
- 37 Sobre a representação da natureza, veja-se Marília dos Santos Lopes, *Coisas Maravilhosas e Até Agora Nunca Vistas. Para Uma Iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Quetzal, 1998.
- 38 Como se pode, aliás, comprovar no assíduo uso do seu *Itinerário* por muitos estudiosos como Andrea Cesalpino ou Carolus Clusius que o irá citar frequentemente nas notas do *Aromatum*.
- 39 Tomé Pires, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. Armando Cortesão, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978.
- 40 Duarte Barbosa, *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, ed. Luís de Albuquerque, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 118-19.
- 41 *Ibidem*, p. 153.
- 42 É a lógica do visível, tal como a definiu Luís Filipe Barreto. Veja-se, “A matéria médica renascentista, A leitura dos Colóquios por Cristóvão da Costa”, in Luís Filipe Barreto, *Caminhos do Saber no Renascimento Português. Estudos de História e Teoria da Cultura*, Lisboa, IN-CM, 1986, pp. 109-201, aqui 135-138.
- 43 Duarte Barbosa, *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, ed. Luís de Albuquerque, cit., p. 175.
- 44 Otto Brunfels, *Herbarium vivum icones*, 1530 ou ainda *Contrafayt Worterbuch*, 1532, com gravuras de Hans Weiditz.
- 45 Hieronymus Bock, *New Kreutterbuch von unterschied, würckung und namen der Kreütter, so in Teutschen landen wachsen*, 1539.
- 46 Leonhart Fuchs, *New Kreutterbuch*, Basel, 1543.
- 47 Na Europa são rapidamente introduzidos na dieta alimentar, pois como refere Fuchs tem um sabor tão picante como a pimenta. Já em meados do século XVI se cultiva esta planta apreciada como planta ornamental. O famoso jardim dos bispos de Eichthätt no tempo de Johann Conrad von Gemmingen (1594-1612) tinha mais de 15 variedades com frutos de diferentes formatos e cores, amarelos, laranja ou vermelhos. Aí trabalharam Jochim Camerarius e o farmacêutico Basilus Besler (1561-1629), autor de *Hortus Eystettensis* (Nürnberg, 1613), um dos mais maiores livros ilustrados de botânica.
- 48 Também Hieronymus Bock já tinha introduzido um capítulo sobre a pimenteira, planta que vira na Alemanha. Embora mencione o que dela dizem Plínio e Teofrasto, alude também às viagens dos portugueses a Calecute.
- 49 Sobre Calecute como símbolo das novidades, veja-se, Marília dos Santos Lopes, “Tradition und Imagination: ‘Kalikutische Leut’ im Kontext alt-neuer Weltbeschreibungen des 16. Jahrhunderts”. In *Asia Maritima. Images et réalité. Bilder und Wirklichkeit. 1200-1800*, ed. Denys Lombard / Roderich Ptak, Wiesbaden, 1994, pp. 13-26.
- 50 Refere que esta planta se adapta facilmente nos jardins europeus e que do grão de milho se poderia moer farinha para fazer pão.
- 51 Garcia da Orta, *Colóquios dos simples, e drogas he cousas medecinais da Índia, e assi dalgunas frutas achadas nella onde se tratam algunas cousas tocantes a medecina, pratica, e outras cousas boas, pera saber compostos pello Doutor garcia dorta: fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçenciado Alexos diaz: falcam desenbargador da casa da supricaça inquisitor nestas partes*, Goa, 1563, ed. Conde de Ficalho, Lisboa, 1987, IN-CM, vol I, p. 210.
- 52 Neste contexto, podemos evocar a publicação da *Historia naturalis* de Plínio (Veneza, 1469), a *Historia plantarum* de Teofrasto (1483) e os comentários à obra de Dioscórides, como os editados em Veneza no ano de 1516. Aqui importa mencionar as edições de Pietro Andrea G. Mattioli (1501-1577), bem como a importante colaboração do português Amato Lusitano (1511-1568). O seu *Index Dioscoridis* data de 1536 e veio a lume na cidade de Antuérpia. Sobre o trabalho de Amato e a sua repercussão na Europa, veja-se A. J. Andrade de Gouveia, *Garcia d’Orta e Amato Lusitano na Ciência do Seu Tempo*, Lisboa, ICALP, 1985.
- 53 Garcia da Orta, *Colóquios*, ed. Conde de Ficalho, cit., vol. I, p. 173.
- 54 Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o Seu Tempo*, IN-CM, Lisboa, 1983.
- 55 Garcia da Orta, *Colóquios*, ed. Conde de Ficalho, cit., vol. I, p. 211.
- 56 Garcia da Orta, *Colóquios*, ed. Conde de Ficalho, cit., vol. I, p. 105.
- 57 Garcia da Orta, *Colóquios*, ed. Conde de Ficalho, cit., vol II, p. 246.
- 58 Luís Filipe Barreto, “A matéria médica renascentista, A leitura dos Colóquios por Cristóvão da Costa”, in Luís Filipe Barreto, *Caminhos do Saber no Renascimento Português*, cit., pp. 109-201.
- 59 Garcia da Orta, *Colóquios*, ed. Conde de Ficalho, cit., vol. II, pp. 101-102.
- 60 *Cruyde Broeck*, Antuérpia, 1563, versão digital *online* em <http://archiv.ub.uni-marburg.de/dodoens/> (consultado em 24/3/2006).
- 61 Carolus Clusius, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia*, Antuérpia, 1567. Sobre as obras de Carolus Clusius, veja-se *Festschrift anlässlich der 400jährigen Wiederkehr der wissenschaftlichen Tätigkeit von Carolus Clusius*, Eisenstadt, 1973. Outras edições de *Aromatum*: 1567, 1574, 1579, 1593. Costa: 1582, 1593, 1605.
- 62 Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o Seu Tempo*, cit., p. 379.
- 63 Na Europa do Renascimento devotava-se, como se pode comprovar pela enorme variedade de livros publicados, grande interesse pela botânica. Com plantas trazidas directamente de outros continentes assistiu-se ainda a um crasso desenvolvimento da floricultura na Europa. Entre os mais antigos jardins podemos mencionar os de Pisa, Pádua, Florença, Bolonha, Leipzig e, em sexto lugar, o de Leiden, criado por Carolus Clusius como escola e jardim de aprendizagem. Veja-se, entre outros, José Luis Fresquet Febrer, “La fundación y desarrollo de los jardines botánicos”, documento electrónico em <http://www.historiadelamedicina.org/botanica.pdf> (consultado em 24/3/2006).

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

- 64 Thomas Harriot, *Admiranda narratio...*, Frankfurt, 1590. Obra ilustrada pelo célebre Theodor de Bry.
- 65 Jacob Le Moyne, *Brevis narratio eorum quae in Florida Americae*, Frankfurt, 1590 (igualmente ilustrada por Bry).
- 66 Publicado juntamente com a de Thomas Harriot (igualmente ilustrada por Bry).
- 67 Terá sido ele quem introduziu a tulipa, originária da Turquia, nos Países Baixos, flor esta que, como sabemos, se virá a tornar um símbolo desta nação.
- 68 Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o Seu Tempo*, cit., p. 379.
- 69 Veja-se Marília dos Santos Lopes, *Da Descoberta ao Saber. Os Conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002.
- 70 Christopher Plantin, impressor de Antuérpia, irá contar com o trabalho de Pieter van der Borcht, que já havia desenhado e pintado para outros botânicos flamengos diversas plantas, sobretudo espécimes oriundos do Oriente e da América, a partir de modelos vivos, alguns dos quais plantados nos jardins de Leiden. Clusius foi, como vimos, o primeiro a cultivar plantas exóticas e a estudá-las sistematicamente.
- 71 A versão latina de Clusius foi traduzida para o italiano por Anibal Briganti (Veneza, 1575) com reimpressões em 1580, 1582, 1589, 1605 e 1616. Há ainda uma tradução francesa da autoria de Antoine Collin de 1602 e uma segunda edição revista e aumentada em 1619.
- 72 É o caso do físico de Filipe II, Juan Fragoso, que também se baseou no livro de Garcia da Orta, para escrever os seus *Discursos de las cosas aromaticas, arboles y frutales, y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental, e sirven al uso de la medicina*, Madrid, 1572.
- 73 Cristóvão da Costa, *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales*, Burgos, 1578. Sobre o contributo da sua obra para a temática médica renascentista, veja-se Luís Filipe Barreto, *Caminhos do Saber no Renascimento Português*, cit., pp. 111-201.
- 74 Cristóvão da Costa, *Tratado das drogas e medicinas das Indias Orientais no qual se verifica muito do que escreveu o Doutor Garcia da Orta*, ed. Jaime Walter, Lisboa, Junta Nacional do Ultramar, 1964, pp. XXVII-XXVIII.
- 75 *Ibidem*, p. XXXI.
- 76 Sobre Jan Huygen van Linschoten e o seu escrito, veja-se, *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*, ed. Aries Pos e Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- 77 Nicolau Monardes, *Simplicium medicamentorum ex novo orbe delatorum...*, Antuérpia, 1582. Editado por Carolus Clusius em 1593.
- 78 Andrea Cesalpino, *De plantis libri XVI*, Florença, 1583.
- 79 Jacobus Bontius, *De Medicina Indorum*, Lib IV: 1. *Notæ In Garciam ab Orta...* Lugduni Batavia, 1642. Outras edições: 1645, 1658, 1718, 1719.
- 80 Basilius Besler, *Hortus Eystettensis*, Nürnberg, 1613. O farmacêutico responsável pelo jardim de Eichstätt cita inúmeras vezes Orta na sua obra.
- 81 Henricum van Rhede e Theodor Janson, *Horti Malabari pars prima, de varii generis arboribus et fruticibus siliquosis Latinis, Malabaricis, Arabicis, Brachmanum Characteribus nominibusque expressis, adjuncta Florum, Fructum, Seminiumque nativæ magnitudinis vera delineatione, colorum virtutumque accurata descriptione, adornata per Henticum van Rhede tot Draakestein et Theodorum Janson*, Amsterdam, 1678.
- 82 Johannes Commelino, *Horti Medeci...*, Amsterdam, 1701.
- 83 Guilielmus Piso (médico de Amesterdão), que na sua *De India utriusque naturale medica* (Amsterdam, 1658) cita amiudadamente Garcia da Orta, utilizando para muitos espécimes a nomenclatura portuguesa.
- 84 Michael Bernard Valentini, *Museum Museorum, oder vollständige Schau=bühne aller Materialien und Specereyen nebst deren natürlichen Beschreibung/ election, Nußen und Gebrauch...*, Frankfurt/M., 1704. O autor é um médico alemão e a obra, uma excelente compilação de plantas, de especiarias e de produtos orientais, que profusamente ilustrada se tornaria um valioso léxico de produtos de além-mar.
- 85 Peter Pomet, *Histoire générale des drogues, traitant des plantes des animaux et des minéraux...*, Paris, 1694; 2.^a ed. 1709. Outras obras *Catalogues des drogues simples et composés*, Paris, 1695, 1709; *Le Marchand sincère ou Traité général des drogues*, Paris, 1695; Ainda edições em inglês e alemão: *Der aufrichtige Materialist und Specerey=Händler oder Haupt= und allgemeine Beschreibung derer Specereyen und Materialien* Leipzig, 1717.
- 86 Erasmus Francisci, *Die lustige Schau= Bühne von allerhand Curiositäten*, 3 Bde., Nürnberg 1663, 1671, 1673; Erasmus Francisci, *Neu-polirter Geschichte= und Sitten= Spiegel ausländischer Völcker...*, Nürnberg, 1670; Erasmus Francisci, *Ost- und west-Indischer wie auch Sinesischer Lust- und Stats-garten/ Mit einem Vorgespräch Von mancherley lustigen Discursen; in Drey Haupt=Theile unterschieden, Der Erste Theil Begreiff in sich die edelsten Blumen/ Kräuter/ Bäume/ Meel= Wasser= Artzney= und Giff= gebende Wurzeln/ Früchte/ Gewürze/ und Specereyen/ in Ost-Indien/ Sina und America...*, Nürnberg, 1668.
- 87 E. G. Happel, *Gröste Denckwürdigkeiten der Welt oder so=genannte Relationes Curiosae...*, 5 vols., Hamburg 1683-1691; E. G. Happel, *Mundi Mirabilis Tripartiti, Oder wunderbaren Welt, in einer kurffen Cosmographia fûrgestellt*, Ulm, 1708; E. G. Happel, *Thesaurus exoticorum oder eine mit Außländischen Raritäten und Geschichten wohlversehene Schatz=kammer; fürstehend die asiatische, africanische und americanische Nationes*, Hamburg, 1688.
- 88 Johan Heinrich Zedler, *Grosses vollständiges Universal Lexicon aller Wissenschaften und Künste*, 64 vols., Halle e Leipzig, 1732-1754.
- 89 No verbete sobre Clusius menciona-se que traduziu do português a obra *Aromatum* de Garcia da Orta e refere-se as edições de 1574 e a de 1593.
- 90 Albrecht Dürer, *Tagebuch der Reise in die Niederlande*, Leipzig, 1982, p. 67.
- 91 As plantas seriam também objecto para coleccionadores. Os jardins botânicos e os gabinetes de história natural são concretos testemunhos deste espírito de coleccionar. Veja-se Emile Callot, *La Renaissance des sciences de la vie au XVI^e Siècle*, Paris, PUF, 1951, pp. 43-55 e Monika Kopplin, "Was frembd und seltsam ist", *Exotica in Kunst und Wunderkammern, in Exotische Welten, Europäische Phantasien*, Stuttgart, 1987, pp. 296-317.
- 92 Veja-se *Exotica, Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002; *Exotica, Portugals Entdeckungen im Spiegel fürstlicher Kunst- und Wunderkammern der Renaissance*, Mainz, von Zabern Verlag, 2001 e *Focus Behaim Globus*, 2 vols., Nürnberg, Germanisches Nationalmuseum, 1993, sobretudo vol. 2, pp. 860-862.
- 93 Cf. *Im Garten der Palme. Kleinodien aus dem Zeitalter des unbekanntes Barock*, Ausstellungskatalog, Wolfenbüttel, 1992. Mathäus Merian, o genro de Theodor de Bry, ambos bem conhecedores de outros mundos, foi quem desenhou o ex-libris da academia.